

Apresentação

O presente número da revista *Espaço Pedagógico* tem como tema central “Educação e linguagem”. Para tanto, contamos com contribuições de pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e de outros países, que com suas pesquisas evidenciam múltiplas e complexas dimensões da linguagem no fazer pedagógico. Desde o alvorecer da humanidade, as diferentes formas de linguagem foram criando condições para que se processassem dois movimentos: um de comunicação entre as pessoas e dessas para com a natureza; outro, dando condições para que as futuras gerações pudessem experienciar dimensões dessas experiências vividas por meio da escrita, da pintura e da escultura, como também por meio dos sons e da oralidade, mediada pela memória.

O desenvolvimento histórico não apenas foi tornando as múltiplas linguagens mais complexas como também criou condições para a sua multiplicação. A virada do século XX para o XXI atesta como o desenvolvimento tecnológico criou novas linguagens, que impactam sobre as gerações, trazendo profundas implicações socioculturais e pedagógicas. As tradicionais formas de linguagem oral e escrita, musical, pintura, escultura, entre outras, são incrementadas com os novos recursos midiáticos, que, além da qualidade técnica, ganham em velocidade e complexificam os processos educativos. As novas gerações são iniciadas nessas novas linguagens desde tenra idade. Até que ponto isso cria as condições para um avanço na comunicação e dá às novas gerações melhores condições para um diálogo qualificado e humanizador? São esses alguns dos desafios que o século XXI tem de enfrentar.

Compõe-se o presente número da revista de 13 artigos e uma resenha. O texto de Roseli Fontana aborda dimensões importantes da relação pedagógica na escola, entre as quais a linguagem corporal, compreendida como linguagem não verbal. Por meio das memórias de estudantes, a pesquisadora evidencia como dimensões corporais intervêm na constituição de subjetividades. As observações empíricas foram teorizadas com as contribuições de Bakhtin e autores da tradição histórico-cultural.

O texto de Otilia Heinig e Henriette Steuck é resultante de uma pesquisa com um curso de Letras, tendo como objeto de investigação as implicações curriculares decorrentes das mudanças legais nas últimas décadas. Apoiada em entrevistas com egressos e professoras coordenadoras de estágio, a pesquisa evidenciou que o tempo destinado ao estágio aumentou mais por decorrência da lei do que por pressão do próprio curso. O estágio é importante porque possibilita um diálogo mais

profundo entre as realidades existentes nos espaços institucionais onde ocorrem as práticas pedagógicas e a produção científica.

O texto de Adriana Dickel aborda um dos grandes desafios da educação escolar, que é a relação entre o conhecimento proposto pela escola e as experiências que os alunos constroem e vivenciam em espaços extraescolares. As dramáticas experiências vividas por alunos fora do âmbito escolar intervêm no espaço escolar, deixando professores e a própria escola perplexos e muitas vezes sem saber como agir. A memória de uma professora evidencia o quanto é difícil trabalhar o conhecimento num contexto perpassado por conflitos sociais e pedagógicos vivenciados fora da escola, mas que se expressam no âmbito escolar.

Xavier Fontich analisa, no texto “Enseñar y aprender gramática en la escuela obligatoria, hoy”, o papel e a relevância do estudo da gramática na escola. Destaca a necessidade de estudar a língua e apresenta um modelo de intervenção didática visando a repensar a metodologia de ensino, bem como a compreensão de aprendizagem da gramática. O texto conclui apontando para alguns desafios no ensino da gramática.

O texto de Neires Maria Soldatelli Paviani analisa a compreensão de Bronckart sobre aprendizagem. Busca compreender esse autor no contexto da teoria do “interacionismo siociodiscursivo”, com destaque para conceitos que perpassam os processos de ensino-aprendizagem, como o de linguagem, ação, atividade social, produção textual, competência, gêneros textuais, tipos de discurso etc.

Adriane Bünchen e Graciela Ormezzano discutem a linguagem musical e o papel que tem na educação infantil. Por meio de uma pesquisa baseada em entrevistas com professoras que atuam na educação infantil, investigam o lugar e o papel da música na infância. Concluem que a música exerceu, conscientemente ou não, grande influência na formação das professoras entrevistadas, bem como reconhecem a necessidade de uma formação musical adequada para explorar ao máximo as potencialidades da linguagem musical na educação infantil.

Geraldo da Rosa aborda alguns aspectos relativos à formação de professores para as séries iniciais em Santa Catarina. Investiga como as políticas públicas responsabilizam o Estado em relação à formação de professores. Determinadas diretrizes políticas propostas por organismos internacionais e assumidos como compromissos pelo Estado brasileiro não são levadas a efeito. O autor conclui que há, em relação à formação de professores para as primeiras séries do ensino fundamental, uma realidade de paralisia e desresponsabilização por parte do poder público estadual.

A contribuição de Silvia López de Maturana Luna está na problematização do conceito de profissional docente. Parte da constatação de que autores que investigam a profissão docente utilizam recursos e conceitos gerais e vagos. Disso resulta uma caracterização da profissão docente como uma semi ou quase profissão que se materializa, entre outras formas, na ausência de autonomia para o traba-

lho profissional. A autora conclui que estão ocorrendo movimentos importantes de valorização da profissão docente por meio de práticas de qualidade, de luta por reconhecimento de direitos, da sua competência e importância social e política.

Almiro Schulz traz para o debate uma questão importante relativa ao papel do professor de filosofia no ensino médio. O texto discute a necessidade de construir uma relação de coerência entre o exercício profissional e a sua postura pessoal frente à profissão. Essa coerência implica o enfrentamento de questões como a definição do que é próprio da filosofia, a função e os objetivos do ensino de filosofia, o foco do ensino – se na filosofia ou no filosofar, a didática e as formas de avaliação, entre outras.

Aristeo Santos López, María del Carmen Farfán García e Abril Sandoval Pallato analisam os impactos das cotas acadêmicas para estrangeiros na universidade na ótica de gênero. Os autores reconhecem a presença crescente de fluxos migratórios que buscam trabalho, mas também qualificação profissional em instituições de educação superior. Isso permite uma internacionalização das instituições educativas com intercâmbio de alunos, professores e pesquisadores. Esse movimento aponta para uma perspectiva de abertura das instituições locais para um universo global. A pesquisa analisa esses movimentos desde um olhar de gênero feminino. Tendo como horizonte a formação acadêmica, as mulheres vão desbravando outras perspectivas, entre as quais o ingresso em áreas tradicionalmente masculinas, participação crescente em pesquisas, em publicações e em debates científicos. Dessa forma, elas vão conquistando espaços importantes também dentro da academia.

O texto de Lília Aparecida Kanan e José Carlos Zanelli analisa o papel dos coordenadores de cursos em espaços universitários. Resultante de uma pesquisa baseada em questões recorrentes e em entrevistas com coordenadores de cursos em universidades de Santa Catarina, o artigo evidencia várias questões, entre as quais a de que há uma “sobrecarga de trabalho, pouca confiança nas chefias e um sistema de *feedback* precário”. Por sua vez, os coordenadores ressaltam o “valor e sentido atribuídos ao trabalho, a percepção de competência nas atividades político-pedagógicas e as amizades existentes caracterizam seu envolvimento com o trabalho”. A pesquisa permite evidenciar que não há nas universidades brasileiras, de modo geral, preparo de professores para ocuparem cargos administrativos.

O artigo de Márcia Schlemper Wernke e Maria de Lourdes Pinto de Almeida analisa os processos educativos existentes em presídios visando à reinserção social de presos. Resultante de uma pesquisa que estudou como a educação formal em presídios pode ser um fator importante na mudança individual, na humanização e também na criação de condições para a reinserção social do apenado, o texto ajuda a compreender como a educação pode contribuir ou não na ressocialização.

A contribuição de Jaume Martinez Bonafé está na discussão das relações entre a atuação de sindicatos e mudanças pedagógicas e entre ação pedagógica e política; questiona determinadas posturas sindicais, ou mesmo do Estado, que se

pretendem neutras politicamente. O autor insiste na necessidade de aprofundar as implicações políticas da ação pedagógica sindical e afirma que no caso espanhol existe um divórcio entre o discurso sindical e o discurso pedagógico renovador, além de secundarizar a perspectiva de luta pela escola pública. Aprofunda essas questões tendo como referente a construção da identidade corporativa de sindicatos, a crise da esquerda e das suas expressões nas políticas sindicais, a recuperação do discurso pedagógico crítico-transformador e, finalmente, a possibilidade de novas perspectivas de ação do Estado e do sindicalismo.

Finalmente, contamos com a resenha feita por Clarisse Hendges Stürmer, baseada na obra de Anne Marie Chartier *Enseñar a leer y escribir: una aproximación histórica*, publicada no México em 2004.